

REFLEXÕES A PARTIR DA PAISAGEM: O Êxodo Rural e suas implicações no Distrito de Arroio do Só, Município de Santa Maria/RS¹

REFLECTIONS FROM THE LANDSCAPE: The Rural Exodus and its implications in Arroio do Só, District of Santa Maria County/RS

Fabrizio Teló

Acadêmico do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
fabriciotelo@hotmail.com

Cesar De David

Doutor em Geografia. Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
cdedavid2009@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo compreender as transformações socioespaciais decorrentes do processo de despovoamento dos campos e os seus reflexos sobre a paisagem rural do distrito de Arroio do Só, em Santa Maria – RS. O distrito foi escolhido como local de pesquisa em função das alterações sofridas na dinâmica de vida e de trabalho de sua população rural, provocadas pelo êxodo e pela falência da maioria das empresas instaladas, o que, em última instância, é fruto da modernização conservadora da agricultura. A pesquisa qualitativa foi feita através de entrevistas com os sujeitos do campo e seus representantes, com o auxílio do Diário de Campo. Foram coletados dados de fonte secundária de instituições como IBGE e FEE, a fim de periodizar a dinâmica populacional do estado e do município, identificando os momentos que explicam o fenômeno do despovoamento dos campos. Como categoria analítica para o estudo, adotou-se o conceito de paisagem a partir, principalmente, das contribuições da Geografia Cultural em autores como Claval (1999) e Cosgrove (1998). Os principais marcos e símbolos que representam as consequências do êxodo são as taperas e os escassos movimentos na paisagem.

Palavras-chave: Paisagem. Êxodo Rural. Transformações Socioespaciais. Taperas. Arroio do Só – Santa Maria/RS.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the socioespacial transformations which have been provoked by the field depopulation and its consequences for rural landscape of Arroio do Só (Santa Maria/RS). The main reason for choosing this district as the research place is due to the changes that have happened in its rural population's life dynamic, caused by the rural exodus and the crash of most enterprises installed there. The qualitative research was realized through interviews with the fields' agents and their representative exponents, with help of Field Diary. In order to periodize the population dynamic, it was collected secondary source information in institutions such as IBGE and FEE. The

conception of landscape applied in this paper, it was postulated by Claval (1999) and Cosgrove (1998), in the context of the Cultural Geography. In this sense, the main landmarks and symbols that signalize the consequences of the rural exodus are *taperas* and the absence of movements in the landscape.

Keywords: Landscape. Rural Exodus. Sociospatial Transformations. Taperas. Arroio do Só – Santa Maria/RS.

Introdução

O acelerado processo de despovoamento dos campos do Rio Grande do Sul, notadamente de sua metade-sul, tem provocado uma série de consequências sobre o modo de vida da população rural, suas atividades e relações, e tem gerado transformações significativas na paisagem. Como esse processo tem se desenvolvido no decorrer do tempo? A redução contínua e progressiva da população do campo pode levar a mudanças qualitativas do rural? Que implicações podem-se perceber sobre a paisagem e o modo de vida da população rural? Para responder essas questões, elegeu-se, como área de estudo, o distrito de Arroio do Só, situado no município de Santa Maria – RS, por sintetizar, em seu espaço rural, a dinâmica desse processo.

Analisa-se, neste trabalho, as consequências do êxodo rural e do declínio econômico no espaço rural de Arroio do Só, a fim de identificar, na paisagem rural, os marcos e os símbolos que registram esse fenômeno. Leva-se em conta ainda a leitura que os próprios moradores fazem da paisagem e das transformações sofridas por ela ao longo do tempo.

Quanto à metodologia, além da revisão da literatura, foram realizadas 30 entrevistas com moradores das diferentes localidades do distrito, cuja preocupação fundamental foi o levantamento de dados qualitativos. No artigo, articulam-se dados retirados de fontes secundárias, (IBGE e FEE) e informações obtidas a partir das conversas com os moradores e armazenadas no Diário de Campo, conforme as propostas de Whitacker (2002).

O conceito de paisagem

Este texto resulta de um conjunto de reflexões a partir da paisagem do distrito de Arroio do Só, no município de Santa Maria. Será discutido o conceito de paisagem a partir, principalmente, da contribuição da Geografia Cultural, a qual, segundo Berque

(1984/1998, p. 84) é o “estudo do sentido (global e unitário) que uma sociedade dá à sua relação com o espaço e com a natureza, relação que a paisagem exprime concretamente”.

O estudo da paisagem, tendo como ponto de partida a Geografia Cultural, teve início com o norte-americano Carl Sauer, através de sua obra, *A Morfologia da Paisagem*, de 1925, na qual postulou uma definição de paisagem geográfica como resultado da ação da cultura ao longo do tempo sobre a paisagem natural: “a paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1925/1998, p. 59). A paisagem natural oferece os recursos com os quais os agentes culturais constroem a paisagem cultural. A paisagem, portanto, é constituída a partir de elementos físicos e culturais, em que a ação humana, de maneira progressiva ao longo do tempo, é o elemento morfológico de maior importância, porque é aquela que tem mais peso na formação das diferentes paisagens.

Correa e Rosendahl (1998) compreendem a paisagem a partir de diferentes dimensões. A primeira delas é a morfológica, a qual está relacionada ao conjunto de formas que a compõem. Essa abordagem foi desenvolvida também por Sauer (1925/1998), que adotou uma visão fenomenológica da ciência e propôs como método de pesquisa científica, a identificação e o ordenamento de um grupo de fenômenos (neste caso, as formas visíveis do espaço) e a análise de suas relações. A segunda dimensão é a funcional, isto é, o estudo das funções que cada parte possui no todo. E a terceira é a dimensão simbólica, que evidencia os valores, as crenças, os mitos e as utopias do grupo cultural que (re)constrói/construiu as paisagens.

Cosgrove (1989/1998), ao entender a Geografia como uma ciência social, defende que todas as paisagens são simbólicas por serem produtos da apropriação e da transformação do meio ambiente pelo homem. Objetos naturais tornam-se, assim, objetos culturais na medida em que lhe são atribuídos significados culturais, conforme acontece a intervenção humana na natureza. As paisagens, portanto, possuem significados.

Tal simbolismo contido nas paisagens, em consonância com o autor, implica complexidade ao conceito: de um lado, exige-se do pesquisador objetividade a fim de representar a realidade tal como ela o é e, por outro, o fato de tentar garantir tal objetividade faz os pesquisadores deixarem escapar muito do significado contido nas

paisagens. Corre-se o risco de a pesquisa tornar-se uma simples descrição da paisagem, sem uma interpretação própria do agente da pesquisa. De fato, para Cosgrove (1989/1998, p. 98), a paisagem é uma “maneira de ver”, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual”. O autor propõe, nesse sentido, uma Geografia Cultural renovada, que vê a paisagem como um texto cultural e reconhece que um texto possui várias dimensões, oferecendo possibilidades de diferentes leituras simultâneas e igualmente válidas.

Romero e Jiménez (2002), partindo de uma perspectiva mais próxima à Geografia Física, possuem outro entendimento a respeito do assunto. Para eles, a paisagem reflete o estado ou a situação do território em um determinado momento, assim como o lugar que ocupam e a forma como participam nele todos os componentes ambientais, os tipos de relações existentes entre eles e o peso da intervenção de cada um nos processos que são chaves para o funcionamento do território.

Nesse aspecto a paisagem, entendida como algo a ser analisado e estudado, possui dois enfoques, um subjetivo e outro objetivo. O primeiro enfoque é o da paisagem visual, ou seja, os elementos da realidade que o ser humano enxerga. Dessa forma, a paisagem é formada por imagens carregadas de significados, por isso, no enfoque subjetivo, cada pessoa verá a paisagem de uma maneira diferente, porque ela traz consigo valores e visões ímpares. Contrariamente a Cosgrove (1989/1998), tais autores consideram isso um problema, visto que não seria possível ter um conhecimento mais aprofundado da realidade, tendo em vista a ausência de objetividade. Já o enfoque objetivo da paisagem é o que a considera como um sistema que integra elementos físicos, biológicos e antrópicos, que a fazem um conjunto geográfico que evolui em unidade.

É possível, no entanto, levar em consideração os dois enfoques. A interpretação da paisagem não é única: depende da história de vida do pesquisador. Não obstante, tal interpretação não pode ser formulada a partir de elementos que não correspondam à realidade objetivamente perceptível. A intenção é elaborar uma interpretação própria da paisagem, o que Romero e Jimenez (2002) chamam de enfoque subjetivo, porém sempre partindo dos elementos observados na pesquisa de campo, o que os autores denominam enfoque objetivo.

Claval (1999), entendendo a paisagem como um documento-chave para compreender as culturas, porque carrega as marcas da cultura e serve-lhe de matriz, postula que é essa “marca que o homem impõe à paisagem que constitui o objeto fundamental de todas as pesquisas”. (1999, p. 24). Para o autor a paisagem cultural é a expressão da ação do homem sobre seu meio, de suas escolhas e de suas técnicas de produção. Por isso, é necessário fazer uma análise meticulosa da paisagem, através de seus sinais e símbolos, a fim de identificar as visões dos grupos humanos, os seus valores e a ideologia dominante naquele grupo.

Algumas vezes, porém, essa paisagem deixa de ser somente uma expressão da vida social e passa a ser valorizada por si mesma, tomando uma dimensão estética ou fundando a identidade do grupo que a humaniza. Em Arroio do Só, podemos afirmar que há elementos de sua paisagem que interferem na identidade dos seus habitantes. A visão constante de casas abandonadas, taperas², terrenos baldios, prédios históricos à mercê do tempo provoca também nas pessoas um sentimento de abandono, de ter sido deixado para trás no curso da história, uma ideia de que o mundo está andando e aquele local ficou parado. Para Claval (1999), as paisagens são feitas de elementos de idades diferentes, para os quais são investidos valores sentimentais: “o passado coexiste com o presente”. (CLAVAL, 1999, p. 309), ou seja, de certo modo, a identidade dos moradores de Arroio do Só está elaborada, em parte, a partir da paisagem do local.

O êxodo rural e suas marcas

Para Martine (1987, p. 59), “(...) a distribuição espacial da população numa sociedade reflete as formas de organização se sua produção num determinado momento histórico”. O profundo processo de despovoamento de Arroio do Só, nesse aspecto, também está ligado a um processo maior, que abrange boa parte do mundo e que, no Brasil, se intensificou com o processo de industrialização, no início do século passado, momento em que as relações capitalistas de produção passaram a se fazer mais presentes, tanto no urbano quanto no rural.

De acordo com o autor, em 1940, o Brasil tinha apenas 51 cidades com mais de 20 mil habitantes, compondo 16% da população total. Em 1950 esse número aumentou para 85, e dez anos depois, para 155 cidades. Martine (1987) estima que, na década de

40, o número de emigrantes era de cerca de três milhões e na década de 50 a estimativa tem um aumento de mais de 100% passando para sete milhões de pessoas que saíram do campo em direção à cidade.

A década de 1970 é o divisor de águas em termos populacionais no Brasil. Até esse período a população rural, em termos absolutos, crescia e era majoritária no país, ao passo que a urbana crescia também, porém ainda era minoritária. Foi nesse período que a população urbana passou a ser maior que a rural, que principiou a diminuir inclusive em termos absolutos (até 1970 a população rural decrescia relativamente).

Entre 1950 e 1960 a população urbana aumentou 66,7% e a rural 16,9%. Já de 1960 para 1970 a urbana cresceu 66,4% e a rural apenas 5,9%. No entanto a diferença mais significativa vai dar-se entre os anos de 1970 e 1980, quando a população urbana aumentou 54,4% e a rural diminuiu 6,1% (ELESBÃO, 2007, p. 54).

Compare a evolução da população brasileira a partir da figura a seguir.

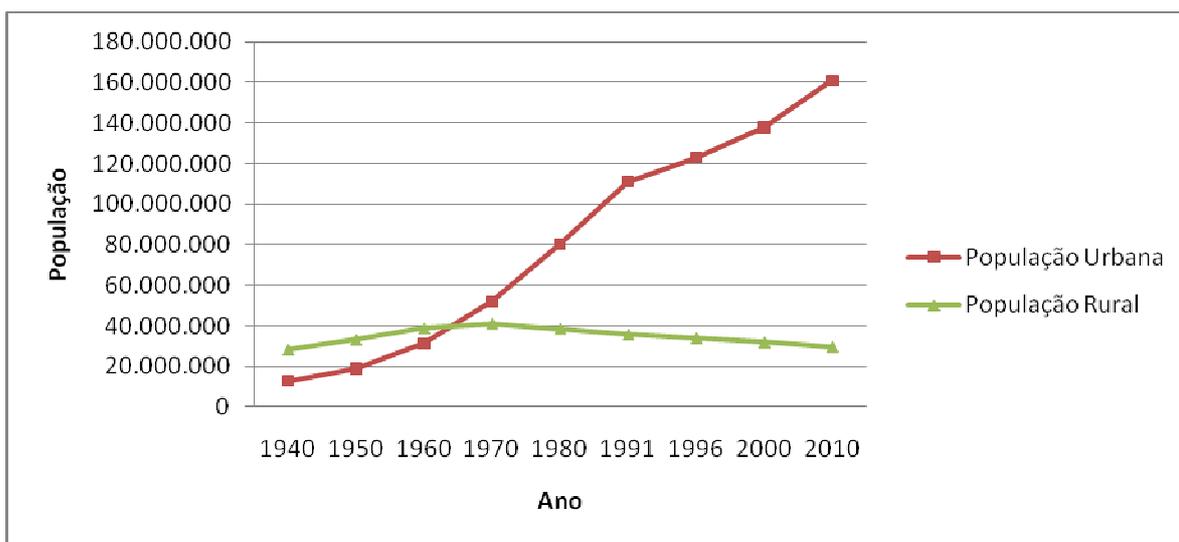


Figura 1: População Urbana e Rural do Brasil de 1940 a 2010.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 07/05/2011.

Para Martine (1987), o grande responsável pelo êxodo rural no Brasil, ao contrário do que muitos pensam, foi o processo de modernização da agricultura, que, aparentemente, traria apenas benefícios à população rural, mas é resultado do desenvolvimento das formas capitalistas de produção agrícola, o qual é excludente e explorador:

A emigração do campo mais intensa não começou no nordeste ou nos outros Estados mais pobres, mas sim, nas regiões de maior desenvolvimento. Evidentemente, o forte êxodo rural dos tempos modernos se iniciou nas regiões onde o processo de mecanização do campo ocorreu primeiro e de forma mais intensa. (MARTINE, 1987, p. 63).

O aumento do número de máquinas, que substituem a mão-de-obra humana, articulado ao uso de agrotóxicos, diminuiu drasticamente a oferta de trabalho no campo, aumentando apenas a demanda por trabalhadores assalariados e temporários. A migração rural, portanto, não é diretamente proporcional aos níveis relativos de pobreza/desenvolvimento das diversas subregiões, mas à expansão das formas capitalistas de produção agrícola.

Depois da década de 50, o período de maior aumento da emigração rural foi a década de 70, auge da ditadura militar, por causa da importação do pacote tecnológico dos países desenvolvidos baseado na colheita mecanizada, na adubação química e no cultivo com agrotóxicos. Foi a chamada *Revolução Verde*, que veio acompanhada da ideia de que ela seria a solução do problema da fome no mundo porque aumentaria em grande escala a produção de alimentos. De fato, isso ocorreu, mas não de forma completa. Como esse modelo é baseado no monocultivo, a produção de alimentos básicos per capita, depois da modernização, conforme Martine (1987), diminuiu, ou seja, não solucionou em nada o problema da fome no mundo.

A relação desse processo com a questão do despovoamento dos campos está no fato de que este pacote estava destinado aos grandes produtores que conseguiam crédito agrícola subsidiado. O problema é que, para conseguir tais créditos, é preciso oferecer, como garantia de quitação do financiamento, a propriedade da terra. Assim, os camponeses que não a possuíam não tinham condições de se integrar a esse pacote, restando a alternativa de migrar à cidade para trabalhar como operário nas indústrias. A terra, então, além de ser mercadoria, passa a ser instrumento de especulação financeira: quem tem capital em forma de terra tem possibilidades e oportunidades que posseiros, peões e camponeses, com pouca terra, não têm (MARTINE, 1987).

Segundo Elesbão (2007),

todo esse processo foi marcado por uma brutal concentração dos recursos com igual concentração da renda. A influência que a classe patronal sempre teve na definição das políticas para o meio rural fez com que se ampliassem as diferenças, ou seja, manteve-se a concentração da terra e a prioridade do incentivo da produção com inserção no mercado internacional (ELESBÃO, 2007, p. 55).

Abramovay e Camarano (1999), ao tratar da questão do despovoamento, entendem que estamos vivendo uma desruralização progressiva, visto que, por mais que o auge do êxodo tenha sido nos anos 70, ele continua a existir de forma contínua. De fato, o rural brasileiro está cada vez mais mecanizado e os valores que predominam na sociedade são cada vez mais urbanocêntricos. O preconceito com o campesinato é outro fator que influencia fortemente a continuidade do despovoamento do campo.

Abramovay e Camarano (1999) percebem como consequência do êxodo um processo de envelhecimento e masculinização do campo. O primeiro é causado pelo fato de que a maioria das pessoas que migram é composta por jovens, que saem para estudar e construir sua vida no meio urbano. Já a presença maior de homens no campo é explicada por vários motivos: inicialmente o êxodo maior era masculino, porque as mulheres tinham dificuldade para encontrar emprego nas fábricas. Com o tempo, as atividades terciárias urbanas abrem-se também para o trabalho feminino, abrindo possibilidades de as mulheres também tentarem uma nova vida na cidade.

O despovoamento de Arroio do Só

Para melhor compreendermos o fenômeno do despovoamento de Arroio do Só, é importante situá-lo no contexto municipal, estadual e nacional. Por isso foram coletados dados de instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE). O primeiro censo demográfico que contabilizou as populações rurais e urbanas de Santa Maria, diferenciadamente, ocorreu em 1920. Na figura a seguir, observa-se a evolução da população santa-mariense:

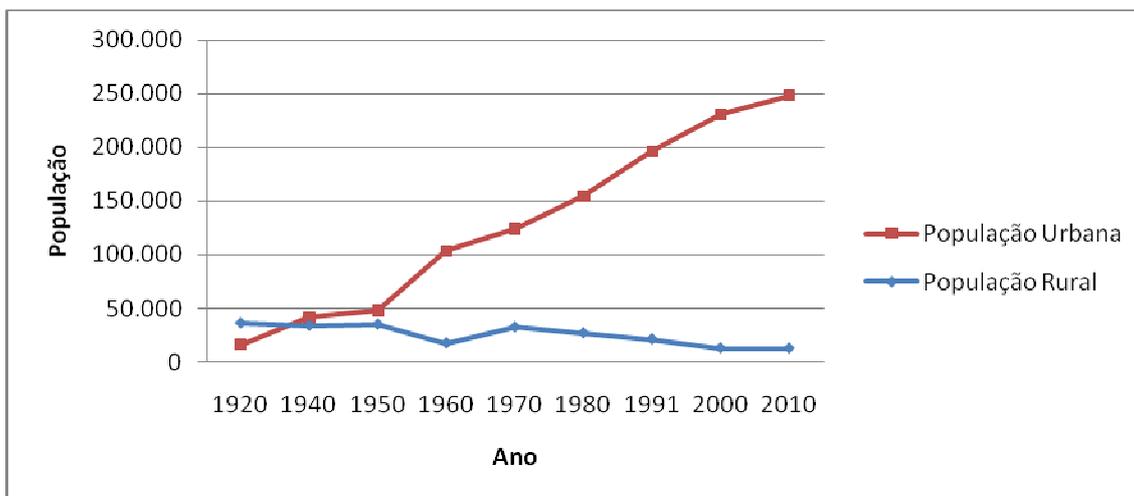


Figura 2: População Urbana e Rural de Santa Maria de 1920 a 2010.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 07/05/2011.

De acordo com o gráfico, percebe-se que de 1920 a 1950 a população rural do município vinha se mantendo estável com leves alterações. Já durante a década de 1950, notamos um decréscimo de 50% na população rural. Isso, provavelmente, tenha ocorrido em função da criação da Universidade Federal de Santa Maria, a qual demandou muita mão-de-obra para a construção dos prédios, dando um salto na oferta de emprego urbano no município. Na década seguinte, observou-se um retorno ao campo e, posteriormente uma gradativa queda na sua população, supostamente ocasionada pela modernização agrícola. Outra fase de queda drástica na população foi a década de 1990 (quase 50%). Assim, comparando com o processo em nível estadual, podemos inferir que o despovoamento dos campos no município de Santa Maria ocorreu de forma mais acentuada do que a média do Rio Grande do Sul, conforme identificamos no gráfico a seguir.

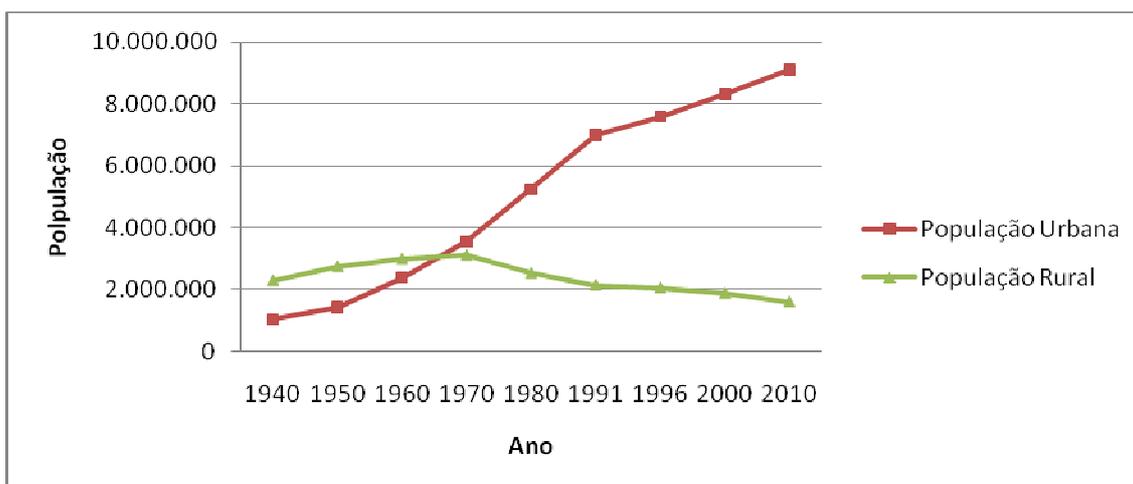


Figura 3: População Rural e Urbana do Rio Grande do Sul de 1970 a 2010.

Fonte: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 07/05/2011 e Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul: www.fee.tche.br/sitefee/pt/content. Acesso em 07/05/2010.

Conforme os dados do IBGE, há, no distrito de Arroio do Só, uma distinção entre população urbana³ e população rural. Percebe-se uma leve queda da população urbana entre 1950 e 1970 e depois uma estabilidade até os anos 2000. Já a população rural, que constitui a maioria no distrito, teve uma acentuada e continuada queda, o que demonstra que o processo de êxodo tem diminuído em relação à década de 1970, época em que o despovoamento dos campos deu-se com maior intensidade, porém tem continuado a existir. A estabilidade da população urbana do distrito pode ser explicada, especialmente, em função da existência das fábricas de cuia lá instaladas e das facilidades de acesso ao posto de saúde, à escola, ao mini-mercado e às paradas de ônibus. Veja-se o gráfico que segue:

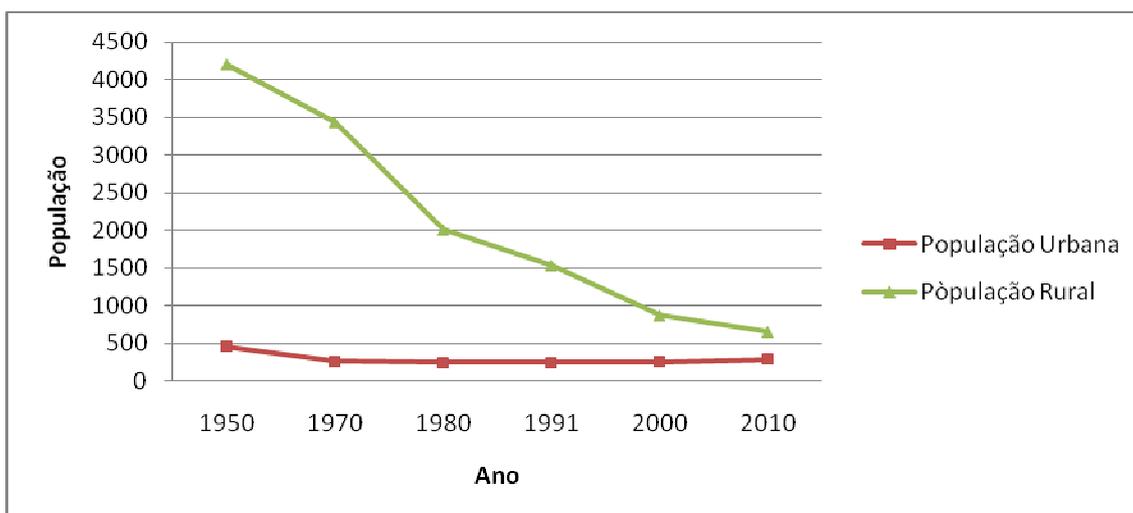


Figura 4: População Rural e Urbana de Arroio do Só de 1950 a 2010.

Fonte: Richter (1997) e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 07/05/2011.

Conforme Richter (1997), no início do Século XX, a população do distrito aumentava a passos largos, impulsionada, principalmente, pela instalação da Estação Ferroviária no distrito, por onde passava a linha de trem que ligava Porto Alegre a Uruguaiana: “A pequena estação ferroviária em Arroio do Sol⁴ inaugurada em 1885, serviu como ponto de referência da povoação e representou poderoso centro de atividades econômicas e sociais” (RICHTER, 1997, p. 28). Esse fato influenciou significativamente o distrito: junto com o trem, além das pessoas e das mercadorias que ele trazia, chegavam também, novas tecnologias, influências culturais, etc. Em vista disso, o distrito progredia em ritmo mais acelerado que os outros distritos do município. Depois do acentuado crescimento ocorrido entre o final do século XIX e início do XX, a população do distrito manteve um crescimento mais moderado, mas, a partir da década de 1950, a população iniciou o processo contrário, que está em curso até os dias atuais, colocando em cheque a própria continuidade da existência do distrito no futuro, conforme se pode perceber na figura da sequência.

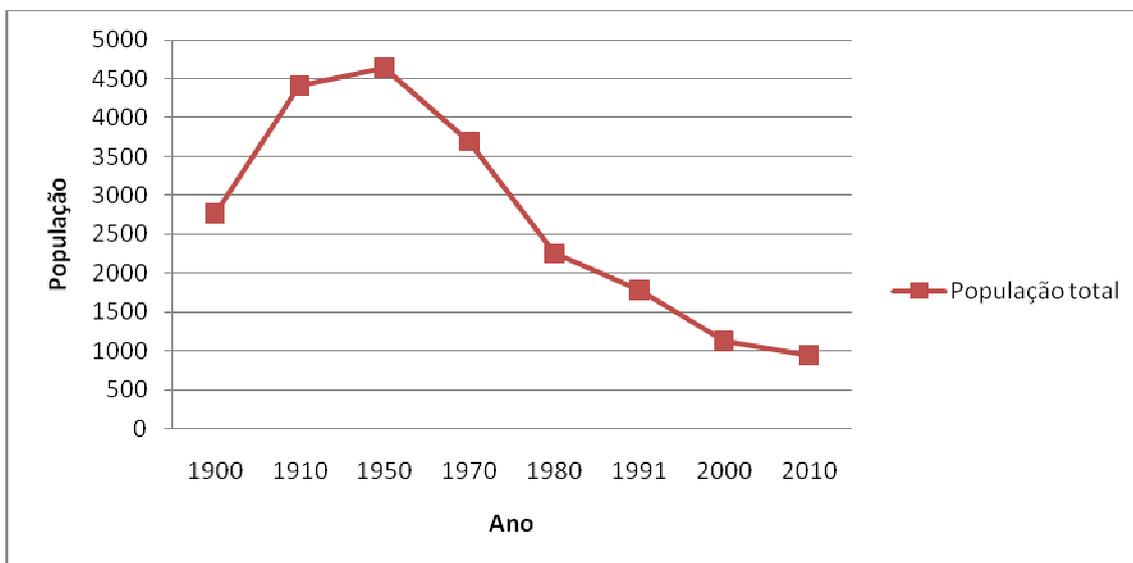


Figura 5: População total de Arroio do Só de 1900 a 2010.

Fonte: Richter (1997) e Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.sidra.ibge.gov.br. Acesso em 20/05/2010.

A autora apresenta como causa principal desse declínio, a decadência do transporte ferroviário, que, em meados do século passado, veio sendo substituído em quase todo o mundo ocidental, pelo rodoviário em função do preço baixo do petróleo proveniente do Oriente Médio, o que resultou no fechamento da Estação localizada no distrito, tendo em vista que o trem já não transportava mais pessoas, apenas mercadorias. O processo de despovoamento como um todo, porém, é resultado de vários fatores conjugados. Outro aspecto relevante foi a mecanização da agricultura que reduziu os postos de trabalho no campo, forçando a migração dos trabalhadores para a cidade.

A subdivisão contínua das terras entre os herdeiros também constituiu um fator de incentivo à migração, visto que, para se ter uma rentabilidade mínima na agricultura, é necessário ter uma extensão de terra que possibilite a reprodução familiar. Tais fatores estão todos conectados entre si e geraram a carência de direitos básicos aos habitantes, tais como educação, visto que na década de 1950 não havia ensino ginásial, infraestrutura para a comercialização dos produtos, deixando as estradas, por exemplo, em estado precário, como ainda hoje se encontram, e também, a falta de serviços básicos aos moradores da sede, que não exerciam atividades agrícolas e pagavam IPTU⁵.

Durante as entrevistas, foi possível identificar em diversos relatos, o fato de que houve, durante um longo período de tempo, a hegemonia de três principais famílias. As

decisões mais significativas eram tomadas por elas. Qualquer empresa que quisesse se instalar no distrito, por exemplo, precisava ter o aval dessas famílias. Detentoras de grandes extensões de terras e de vasto poderio econômico, tais famílias determinavam os rumos do desenvolvimento do distrito. A figura em continuidade é da casa de uma dessas famílias. Ocupando um espaço num terreno central do distrito, a casa abandonada retrata as implicações do despovoamento do distrito na paisagem.



Figura 6: Casa abandonada na sede do distrito.
Fonte: Arquivo pessoal – Trabalho de campo (maio/2010).

Ao analisar a paisagem vista no período em que o distrito progredia, destacam-se os principais marcos que caracterizaram tal processo: a estação ferroviária (inaugurada em 1885), o Hospital Santa Terezinha (inaugurado em 1940 e fechado 20 anos depois), a usina de luz e força (desativada em 1958), a fábrica de calçados Irmãos Possebon (que funcionou até 1995), um posto policial, o movimento de pessoas nas ruas, a presença de escolas nas diversas comunidades, o Clube Social, várias lojas (“Em Arroio do Só, naquela época se encontrava do chapéu ao sapato” – relata um entrevistado, aposentado residente na sede) e um curtiúme⁶.

Todos esses elementos que constituíam a paisagem da época hoje já não existem mais, evidenciando a realidade de abandono e solidão que prevalece no distrito. Os principais símbolos que representam o seu declínio populacional e econômico são os terrenos baldios, as casas abandonadas, o antigo posto policial desativado, os prédios

antigos em ruínas, a inexistência das lojas e, principalmente, a falta de movimento nas ruas. Tudo isso traz, para os que ainda permanecem moradores um sentimento de solidão e a sensação de estar em um lugar abandonado, à parte do mundo, deslocado das redes sociais.

“Antes era bonito, cuidado, as casas eram novas. Agora é tudo velho, descuidado, muita casa pra vender e pouca gente quer comprar”, afirma uma senhora aposentada residente na sede. Convém lembrar aqui, a contribuição de Claval (1999), segundo o qual a paisagem interfere na identidade das pessoas que vivem nela. Em Arroio do Só, a visão constante de casas abandonadas, ruínas, taperas, terrenos baldios provoca nas pessoas um sentimento de abandono e isolamento. Esse processo tem implicações inclusive na auto-estima de tais sujeitos, pois cria no indivíduo uma sensação de que a sua pessoa já não é mais tão importante, de que sua existência no mundo já não tem mais tanto sentido. “As taperas constituem paisagens solitárias, ou seja, recantos esquecidos nas áreas rurais, apreendidas como memórias que se sustentam na paisagem, no lugar, nos objetos” (DE DAVID; FIGUEIREDO, 2010: 05). A figura a seguir é de uma tapera nas proximidades da sede do distrito, tendo sido seu antigo jardim transformado em lavoura de milho por algum morador do distrito.



Figura 7: Uma tapera marcando na paisagem o êxodo de Arroio do Só.
Fonte: Arquivo pessoal – Trabalho de campo (junho/2010).

Outro senhor aposentado residente na Localidade de Tronqueiras, Arroio do Só, comenta: “Tinha mais movimento. Cada propriedade tinha mais ou menos quinze empregados. Agora têm dois ou três. Antigamente sempre tinha rodeio. Agora não tem mais.” Nota-se, na fala desse sujeito, as percepções dos que ficaram no distrito quanto às transformações na dinâmica socioespacial que o local sofreu.

Mudaram inclusive as formas de lazer da população. Num contexto em que há grande número de pessoas envolvidas, as possibilidades de se desenvolverem atividades mais dinâmicas aumentam, como o futebol, por exemplo: “Antigamente jogávamos muito futebol, mas agora tá fraco, porque não tem mais gente pra jogar, não tem mais gurizada”, conforme afirma outro senhor funcionário de uma fazenda também na Localidade de Tronqueiras.

Os “remanescentes” do distrito são obrigados, então, a se adequar à nova realidade. No tocante à educação acontece o mesmo processo, uma vez que, no período em que a população era maior, a Prefeitura Municipal de Santa Maria mantinha diversas escolas de ensino fundamental em funcionamento no distrito. Porém, com o escassear de estudantes nessas escolas, tornou-se menos custoso para o município centralizar a oferta nas principais sedes e disponibilizar transporte gratuito para os estudantes que morassem muito distante da escola, do que manter diversas escolas com poucos alunos.

Outro fator importante nesse processo é a dificuldade na comercialização dos imóveis, o que constituiu um forte entrave para o desenvolvimento local. A propriedade da terra ainda é considerada uma forma de prestígio social, razão pela qual as famílias proprietárias, em que pesem as dificuldades existentes, relutem em desfazer-se do patrimônio. Tendo em vista, porém, o conjunto de problemas enfrentados por muitos camponeses ao permanecer no campo e o fetiche de que a cidade é o lugar da felicidade, muitos são obrigados a colocar todo o seu patrimônio à venda. Tal fenômeno é facilmente percebido pelos cartazes que oferecem imóveis para a comercialização, como observado na figura que segue.



Figura 8: Casa a venda nas proximidades da sede em Arroio do Só.
Fonte: Arquivo pessoal – Trabalho de campo (julho/2010).

Outra mudança socioespacial que trouxe transformações na paisagem foi a utilização do espaço rural como ambiente para descanso de pessoas abastadas que vivem no meio urbano e compraram um terreno no distrito para servir de sítio de lazer nos fins de semana e períodos de férias. Muitos moradores que vivem próximos a esses sítios estabelecem acordos com os proprietários dos terrenos e são remunerados para cuidar da manutenção dos mesmos.

Considerações finais

O êxodo rural é uma consequência da lógica urbanocêntrica instaurada na sociedade ocidental atual, que valoriza o que está nas cidades e está de acordo com a racionalidade produtivista do sistema capitalista, desconsiderando qualquer outra possibilidade de racionalidade além da capitalista, como a camponesa, por exemplo. O processo em específico que mais provoca a emigração dos camponeses é a constante modernização da produção agrícola, provocada, em maior escala, pela globalização. Em Arroio do Só, esse processo foi acentuado ainda mais com o fechamento da Estação Ferroviária que estava instalada no distrito, grande promotora do desenvolvimento da localidade e arredores.

O despovoamento dos campos ocorrido de forma acentuada em Arroio do Só não é um processo ímpar. Está diretamente ligado à modernização da agricultura, a qual se tornou hegemônica em quase todo o mundo e vem sendo pautada pela especialização da produção através da monocultura, concentração fundiária, mecanização da produção, uso da mão-de-obra assalariada, forte capitalização e, em diversos casos, como o brasileiro, a produção destinada à exportação. Há que se questionar: Até que ponto é sustentável esse modelo de desenvolvimento baseado numa agricultura sem agricultores, totalmente dependente dos capitais financeiro e industrial?

Nesse sentido a paisagem coloca-se como uma adequada categoria de análise para o estudo das transformações socioespaciais ocorridas em Arroio do Só, por sintetizar em sua forma, os processos de interação entre a ação humana e a natureza, que aconteceram no passado e continuam acontecendo no presente. As taperas destacam-se aqui como o símbolo mais representativo de um processo que marcou drasticamente o meio rural do distrito. A existência de uma paisagem com poucos movimentos é outro elemento importante a ser observado, porque demonstra o baixo número de pessoas ocupando o espaço e o fraco dinamismo dos processos socioeconômicos. O convívio dos moradores com essa paisagem, transformada ao longo do tempo, leva à produção de novas identidades, novas formas de interação social, lazer e organização comunitária, uma adaptação de comportamento, diante das novas condições materiais e não-materiais estabelecidas.

Notas

¹ Este trabalho contou com o auxílio do CNPq (Edital MCT/CNPq 14/2009 – Universal) e da FAPERGS (Edital 01/2009).

² A palavra tapera tem sua origem etimológica do tupi-guarani. É a junção de *tawa* = taba (aldeia de índios) + *pwera* = que foi, ou seja, *aldeia que foi*, aldeia abandonada, em ruínas. Hoje, a palavra tapera é mais utilizada para se referir a uma casa abandonada, à mercê do tempo (DIAS, 2009).

³ O urbano do distrito de Arroio do Só se distingue do rural a partir de uma linha muito tênue, porque é um urbano cercado pelo rural com características tipicamente camponesas. Para fins de compreensão, adotou-se neste artigo o entendimento de meio urbano o perímetro que compreende a sede do distrito.

⁴ A autora utiliza esse tipo de denominação por não pensar que o nome Arroio do Só é um tanto pejorativo para uma localidade com tantos pontos positivos. Em alguns documentos, encontra-se essa denominação, porém o verdadeiro nome do distrito é Arroio do Só. Reza a lenda que esse nome surgiu por causa de um senhor que vivia sozinho ao lado do arroio que corta o distrito.

⁵ IPTU: Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana.

⁶ Curtume é um estabelecimento no qual se transforma a couroça dos bovinos em couro beneficiado destinado à industrialização, através de procedimentos químicos que eliminam a gordura do couro, deixando-o apto à utilização.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo; CAMARANO, Ana A. **Êxodo Rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: Panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: IPEA (texto para discussão nº 621), 1999.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: Elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zenir. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zenir. Apresentando leituras sobre Paisagem, tempo e cultura. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zenir. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zenir. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

DE DAVID, Cesar; FIGUEIREDO, Lauro C. Paisagens Solitárias: As taperas no sul do Estado do Rio Grande do Sul. **I COLÓQUIO IBERO-AMERICANO: PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DIAS, Ana L. C. **Lagoa da Pedra e Cana Brava: Escolhas Lexicais**. In: *Jornal Cibelc/UNESP*, maio de 2009. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cibelc/jornal/maio09/content16.html>. Acesso em: 07 maio 2011.

ELESBÃO, Ivo. O Espaço Rural Brasileiro em transformação. In: **FINISTERRA**, Revista Portuguesa de Geografia. V. XLII. N. 84, 2007.

FEE. **Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul**. www.fee.tche.br/sitefee/pt/content. Acesso em 20/05/2010.

IBGE. **Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. www.ibge.gov.br/sidra. Acesso em 20/05/2010.

MARTINE, George. Êxodo Rural, concentração urbana e fronteira agrícola. In: MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

_____. Efeitos esperados e imprevistos da modernização agrícola no Brasil. In: MARTINE, George; GARCIA, Ronaldo C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

RICHTER, Eneida I. S. **História Social de Arroio do Sol**. Santa Maria: UFSM, 1997.

ROMERO, Arturo; JIMÉNEZ, Julio M. **El paisaje en el ámbito de La Geografía**. México: UNAM, 2002.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zenir. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

WHITACKER, Dulce. **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002.

Recebido em 21/06/2011 Aceito para publicação em 13/01/2012.
